

Entre canções, bocas-de-forno e petecas: vivências e registros de cultura infantil maranhense

Between songs, oven mouths and petecas: experiences and records of child culture in Maranhão

Rosyane de Moraes Martins Dutra

Resumo: Pretendeu-se com essa investigação reconhecer o processo de socialização e de troca de saberes entre as crianças maranhenses nos espaços que escolhem para brincar e a produção de novas culturas, nas manifestações próprias da comunidade onde estão inseridas. Considerou-se um percurso teórico-metodológico para compreensão do objeto estudado, que iniciou com um levantamento bibliográfico dos autores que contribuíram com a pesquisa, e a observação participante, na qual foram registrados os momentos das crianças, brincando e recriando brincadeiras e brinquedos. Recorreu-se aos estudos filosóficos e sociológicos para definir brincadeiras e cultura infantil, a partir dos contextos das vivências das crianças com seus pares e com os adultos. Para tanto, autores como Sarmiento (2008), Benjamim (1984) e Postman (1999) deram suporte teórico-metodológico na produção científica.

Palavras-chave: Brincadeiras. Espaços. Cultura infantil. Maranhão.

Abstract: The aim of this research was to recognize the process of socialization and knowledge exchange among Maranhão children in the spaces they choose to play and the production of new cultures, in the specific manifestations of the community where they live. It was considered a theoretical and methodological path for understanding the object studied, which began with a bibliographic survey of the authors who contributed to the research, and the participant observation, in which were recorded the moments of children, playing and recreating games and toys. Philosophical and sociological studies were used to define play and children's culture, based on the contexts of children's experiences with their peers and with adults. To this end, authors such as Sarmiento (2008), Benjamim (1984) and Postman (1999) provided theoretical and methodological support in scientific production.

Keywords: Jokes. Spaces. Children's culture. Maranhão.

Introdução

O universo das brincadeiras abre para a criança múltiplas possibilidades de aprendizagem, além da compreensão e ação sobre a realidade. Brincando, tudo se recria, o mundo vira do avesso, *de cabeça para baixo*, permitindo à criança sair de sua realidade imediata e imaginar outros tempos e lugares, inventar ações e interações com gestos, palavras, expressões. Ela aprende a interpretar o mundo e a si mesma em outras perspectivas, ao definir outros tempos, lugares e relações.



A criança cria o seu próprio espaço, que pode ser na escola, em casa ou em um pequeno canto, e consegue dar significados àquilo que ela quer construir dentro de uma cultura própria, lúdica. Diferente do adulto que precisa fazer todo um planejamento para organizar um espaço cheio de regras, com as crianças ocorre de uma forma espontânea, *experiential*.

Assim, é que nesse artigo, serão discutidos os conceitos que permitiram a compreensão dessa temática e as análises dos dados coletados sobre cultura infantil maranhense, com contribuições da Sociologia e Filosofia, destacando algumas intervenções teóricas dos escritos benjaminianos, que se remetem a essa fase da vida humana como a “mais sensível”(BENJAMIN, 1984, p. 33). Serão considerados os dados de pesquisa etnográfica realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Infância e Brincadeiras – GEPIB/UFMA, em algumas cidades maranhenses para reconhecimento de brinquedos e brincadeiras mais presentes nas regiões, e que mostram como nossas crianças brincam e produzem cultura.

Tecendo reflexões sobre Cultura, Cultura Infantil, Infância e Criança

Os estudos sobre o período da infância na vida do indivíduo reconhecem essa fase como categoria social e sociológica do tipo geracional. Para tanto, a infância tem sido entendida como um atributo social das crianças. Para Postman (1999), é nesse período que se inicia de maneira rudimentar, uma preocupação com as crianças e suas particularidades, em prol do seu desenvolvimento. A criança é o sujeito ativo na investigação do conhecimento, participante das práticas sociais nas quais se encontra envolvida, pois se caracteriza pensante, questionadora, autônoma e que constrói significados.

Em meio as imagens e falas do documentário *A Invenção da Infância* de Liliana Sulzbach (2000)¹, infância é a idade de ouro de cada pessoa em que

¹ “A invenção da infância” é um filme documentário, produzido no Rio Grande do Sul, Brasil, dirigido por Liliana Sulzbach. Tem duração de 26 (vinte e seis) minutos e nos mostra, dentro da realidade cotidiana de diferentes classes sociais brasileiras, crianças assumindo obrigações e responsabilidades características da vida adulta, seja através do trabalho precoce ou mediante rigorosa rotina diária de atividades. O filme nos traz a reflexão sobre o que é ser criança no mundo contemporâneo. Ser criança não significa, necessariamente, ter infância, pois cada vez mais precocemente o indivíduo é incorporado à condição de adulto.



ser criança é não estar compromissado com nada; é o simples gozo da sua inocência. E nessa perspectiva, visualizar tendências modernas de inserção dos infantes nas atividades da cultura adultocêntrica nos inquieta por desfavorecer o tempo, o espaço, o desenvolvimento e a aprendizagem dos mesmos. Ariès (1981) já apontava em seus escritos, que

A idéia de infância era baseada na existência de uma natureza infantil na sociedade medieval, considerando-a imatura, indefesa e ignorante em relação à natureza adulta. A criança era percebida como adulto em miniatura, não havendo consciência de suas particularidades (ARIÈS, 1981, p. 52).

A criança não era vista como um ser capaz de pensar sobre suas próprias ações, mas sim como um reflexo do adulto. Entendemos, nessa caracterização de Ariès, que a criança era vista como um produto do meio cultural, sendo moldada pelo adulto com base em seus próprios costumes, de modo abstrato e passivo, pois não havia uma troca significativa que contribuísse para o desenvolvimento da criança enquanto indivíduo. A cultura, assim, exerce grande influência sobre aspectos do desenvolvimento das crianças, que são capazes de absorver esses artefatos sociais para compreensão do meio em que vivem. Por exemplo, uma criança que vive em uma área rural, e observa seus pais usando técnicas na pescaria vão aprender com eles uma profissão, visto que esses são seus costumes dentro daquela realidade. Sendo assim, a cultura carrega consigo ricas “experiências” sociais, que atuam diretamente no desenvolvimento infantil.

Ao longo do tempo, a cultura dominante era a de classe média e branca, que impunha suas normas e valores à sociedade, como referências normativas. Elias (2001) já enfatizava que, por exemplo, os costumes das famílias tradicionais inglesas e francesas, eram manifestações desses acordos sociais, que dividiam as classes. Em cada classe, um legado cultural, que distinguia ricos de pobres, burguesia e proletariado, e a conservação dos valores mantenedores das práticas sociais.

Sendo a família considerada o agente principal de transmissão da cultura, as crianças levam as experiências, sua “bagagem cultural” para os



espaços socializadores, e assim reconstróem significados e vivem novas experiências. A criança é *artesã* quando brinca, pois ela se apropria dos costumes, das tradições e das manifestações culturais presentes nos contextos e ressignifica, produzindo cultura.

Sarmiento (2008, p. 32) refletindo sobre o conceito de culturas infantis, destaca como sendo “a capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e da ação intencional, que são distintos dos atos de ação e significação dos adultos.” Dessa maneira a criança cria, recria, experimenta, analisa, questiona, dialoga, dando significados às suas ações durante suas brincadeiras individuais ou em grupo. O adulto atua como um mediador.

É importante enfatizar que o brincar não é a única atividade por meio da qual as crianças constroem sua cultura, mas ela assume uma centralidade como modo de ação da criança sobre o mundo e, sobretudo como forma de ação conjunta e autônoma das crianças. Cada criança tem sua própria cultura que inclui o conhecimento, os costumes, os hábitos, as crenças, etc. Quando chegam à escola, as crianças se deparam com outras culturas que lhes agregam outros conhecimentos. Cada uma tem sua própria visão de mundo, e são trocadas experiências que fortalecem suas próprias culturas, e são essas experiências que interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações estabelecidas. (SARMENTO, 2008)

Corsaro (2002) elenca como categoria de análise o *faz de conta* sob o ponto de vista da reprodução interpretativa das crianças, em que elas desempenham um papel ativo na socialização e apropriação da cultura adulta. Dessa forma não se limitam a internalizar a cultura dos adultos, mas sobretudo, a fazer parte dessa cultura e a produzir a sua própria cultura juntamente com seus pares, não através de um caráter imitativo ou apropriação direta, “mas as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares” (CORSARO, 2002, p.114)

De acordo com Sarmiento (2008), as culturas da infância exprimem os modos diferenciados por meio dos quais as crianças interpretam, simbolizam e comunicam as suas percepções do mundo; interagem com outras crianças e



com os adultos; desenvolvem sua ação nos espaços público e privado. As culturas da infância não são a reprodução mais ou menos fiel das culturas adultas, tampouco são culturas adultas diminuídas, imperfeitas ou miniaturizadas. A diferença das culturas da infância decorre do modo específico como as crianças, como seres biopsicossociais com características próprias, simbolizam o mundo, nomeadamente pela conjugação que fazem de processos e dimensões como o jogo, a fantasia do real e a interação entre pares e com os adultos e a circularidade temporal.

Sendo assim, as crianças precisam ser vistas como co-construtoras de conhecimento e cultura, e essa visão implica reconhecer suas expressões nas mais variadas linguagens. A noção de culturas da infância assume, por conseguinte, um constructo teórico e prático fundamental dos chamados estudos da infância. A existência de culturas próprias, formas de ser, pensar e sentir específicas da infância, necessariamente distintas das do adulto — embora também interdependentes dessas — é um aspecto que exige olhar por outra ótica a criança e a infância.

Percebemos ainda, em muitos discursos, a marca de uma infância imatura, sem conhecimentos, que precisa ser conduzida pelo adulto. Kohan (2005) reflete sobre essa “minoridade” indicada,

A minoridade é uma figura da incapacidade, da falta de resolução e da preguiça no uso das próprias capacidades intelectuais. É o estado de *mancipium* deliberado, aquele que escolhe guiar-se pelo entendimento de outro. O iluminismo seria aquele movimento histórico que permitirá à humanidade em seu conjunto sair de sua minoridade e valer-se da força inscrita em sua própria razão. (KOHAN, 2005, p. 238)

Nos estudos filosóficos, identificamos o interesse pelo anúncio de uma liberdade da criança, que há muito foi silenciada pela história de uma humanidade, predominantemente adulta. Uma história que sempre pensou por ela e negou suas experiências mais profundas com sua própria realidade. Na compreensão da Filosofia, a ausência de espaço para a vivência de experiências é típico da modernidade, que insiste em criar mascaradas para vidas não-vividas, para sonhos não realizados. Benjamin (1984, p. 25) escrevia sobre



experiência como o “que existe de mais belo, intocável e inefável, pois ela jamais será privada do espírito se nós permanecermos jovens.”

Na produção de brinquedos e brincadeiras próprios, as crianças recriam possibilidades de construção lúdica, utilizando os materiais que são próximos, do seu contexto. No caso dos municípios e povoados maranhenses, temos uma variedade de materiais, como madeira, folhas e galhos de plantas, latas, pneus, pedras, etc, utilizados por elas para reproduzirem ou recriarem brinquedos da região. “É exatamente isso que a criança deseja saber, aquilo que estabelece uma relação viva com suas coisas.” (BENJAMIM, 1984, p. 93)

Registros e Vivências de Culturas Infantis no Maranhão

As crianças maranhenses são reveladoras de riquezas socioculturais complexas e representantes da realidade de cada canto do Estado. Essas manifestações, desconsideradas pela cultura adulta, por não compreender a beleza das experiências infantis em suas interações com o meio, propõem investigações importantes para a compreensão da criança em seu espaço, no qual é transformadora do *habitus* que engessa relações e dissolve a coletividade. Podemos citar dentre essas manifestações, a capacidade de criar brinquedos com materiais que encontram pelo caminho, a reinvenção criativa de brincadeiras tradicionais e a reprodução de folguedos típicos da região. No Maranhão, é possível perceber, em qualquer percurso turístico que se faça de um município para outro, crianças brincando umas com as outras, em momentos únicos de apropriação de culturas infantis.

Conceber interações, brincadeiras e infância no contexto do Estado do Maranhão é valorizar influências da história, da geografia e da cultura na formação de indivíduos brincantes, com possibilidades de descobertas únicas sobre os lugares, os espaços e os territórios que as nossas crianças escolhem para brincar. A partir desses dados, sermos capazes de repensar nosso olhar sobre nossas infâncias: quilombola, indígena, sem-teto, campesina, urbana, e propormos políticas públicas de atendimento horizontalizado, propostas e programas que comecem delas mesmas, das próprias crianças.



A infância maranhense apresenta algumas características que proporcionam o trabalho de investigação com bases epistemológicas fundadas na Sociologia, que segundo Corsaro (2011), compreende o processo de apropriação da cultura onde a criança é capaz não só de reproduzir mais de recriar, repensar e reinventar os processos de organização dos saberes produzidos socialmente. É no coletivo e na socialização das crianças com as aprendizagens culturais que se apresentam no contexto que encontramos o fundamento dos estudos *com* crianças, pois “o que somos nós para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras?” (BASTIDE, 1961, p.33).

Os aspectos culturais que se encontram presentes nas interações das “nossas” crianças com o objeto criador e criativo são percebidas em cenas do cotidiano, comuns. As festas, as cores, os tambores, e as brincadeiras: no Maranhão, essas são as manifestações mais fortes de um folclore repleto de tradições e história. De carrinhos de boi à Festa do Divino Espírito Santo, dos pequenos catamarãs aos festejos de São João, dos brinquedos de palha de babaçú aos bois encarando a multidão madrugada adentro: tudo tem um único ritmo. O do brincar. As vivências com as riquezas da terra, *Ilha Grande*, *Upaon-açu*, inspiram as crianças a construir seu repertório de brincadeiras, incluindo novas linguagens, novos rituais e novas formas de conceber sua cultura.

Nessa perspectiva, acredita-se que através de uma pedagogia da *Escuta* (CORSARO, 2011) é possível estreitarmos os laços com os sujeitos das pesquisas, nas quais os pesquisadores, ouvintes, percebem as entrelinhas do processo de comunhão sujeito-objeto de estudo. Com crianças, esse processo é determinante na compreensão do movimento que se dá durante a observação *in loco*, que só se manifesta nas interações criança-criança, criança-adulto e criança-meio.

A pesquisa foi realizada em um percurso metodológico orientado para melhor elucidar a realidade. Sabemos que o exercício do pesquisador é solucionar problemas partindo de questionamentos que buscam respostas para o que foi identificado. Assim, a pesquisa se caracteriza por ser experimental, do tipo pesquisa etnográfica, que segundo Gil (2002) é aquela que investiga a



realidade e a cultura de um grupo ou povo. Alguns estudos bibliográficos nos motivaram a compreender os principais conceitos sobre Infância, Criança, Cultura, Brinquedos e Brincadeiras, como Ariès, Corsaro, Benjamim e Brougère.

Assim, a pesquisa teve como principais instrumentos, a **observação participante**, o registro em diário de bordo das informações coletadas em contato com o contexto e os sujeitos que se apresentarem nele. Para Gil (2002)

Na coleta de dados, o importante não é somente coletar informações que deem conta dos conceitos (através dos indicadores), mas também obter essas informações de forma que se possa aplicar posteriormente o tratamento necessário para testar as hipóteses. Portanto, é necessário antecipar, ou seja, preocupar-se, desde a concepção do instrumento, com o tipo de informação que ele permitirá fornecer e com o tipo de análise que deverá e poderá ser feito posteriormente. (GIL, 2002, p. 45)

Portanto, acreditamos que esses caminhos metodológicos respeitam a realidade na qual a infância será percebida, em seu ambiente de convivência social e familiar, sem interferir no processo de socialização que se apresenta ao grupo de crianças investigadas. Durante visitação aos municípios, escolhemos os espaços públicos e residências das cidades, verdadeiros territórios do brincar, onde foi possível observar as crianças em seu momento único e interacional com os outros, com o meio e com os materiais da terra. Essa rela o possibilita a análise da auto-organiza o desses grupos para a brincadeira.

O pesquisador no encontro com as crianças deve estar atento aos outros modos de manifesta o das mesmas. Se a narrativa pronunciada pela criança   única e transversalizada pelas experiências com seus pares, o que dizer do pesquisador cuja tarefa   descrever essas vivências? Como dizer e escrever palavras não ditas? Como traduzir silêncios? E o desejo, de falar de quem ainda não consegue expressar nos moldes adultoc tricos? Com o uso do corpo, que ensina e aprende, entre pares e pelas práticas do cotidiano, a palavra se transforma num elo perdido, a ser (per)seguido pelo pesquisador.

A descri o desse universo que se descortina   marcada pelo esforço contínuo de aprender/ouvir aquilo que as crianças não conseguem ou não



desejam falar. Por essa razão, essa pesquisa abandona gravadores e roteiros de pesquisa para dar as mãos às crianças na ciranda, nas brincadeiras, nas corridas feitas em grupo, nos suspiros e olhares sobressaltados. Largar os diários e cadernos de campo à beira da estrada para entrar nas brincadeiras e aprender com elas.

Atentos para os limites e os riscos presentes na pesquisa qualitativa, os pesquisadores flexibilizaram processos de coleta de dados e de atuação investigativa, para a garantia da participação das crianças, pois sabemos que sem conquista não conseguimos observá-las, além da autorização de pais e delas próprias. Compreendendo que as crianças produzem cultura, “o olhar antropológico relaciona-se muito mais com conhecer a diversidade de realidades infantis e a complexidade das profundezas dos seus mundos” (FRIEDMANN, 2015, p. 37).

Apresentamos, a seguir, manifestações identificadas em alguns municípios maranhenses, após visitação e pesquisa de campo.

BURITI BRAVO

As crianças nessa região (sul maranhense) divertem-se brincando de corridas, peteca², *canc o*³, *boca-de-forno*, pular corda. Geralmente em ruas, praças e nos quintais. São meninos e meninas entregues a ventania que pulsa nos céus daquela região, por estarem próximas às colinas maranhenses. A aproxima o das crianças nas ruas e praças da cidade, possibilitou às pesquisadoras observarem as constru es realizadas pelas crianças com elementos da natureza, como os desenhos traçados na terra, e as cordas feitas com fibras de plantas da região.

No encontro, as crianças convidavam-nos para o *terreno*, espaço de suas brincadeiras favoritas perto das suas casas. Na intera o, manifesta es do tipo: “*tia, você gosta de brincar?*” (Elton – 6 anos) indicam a surpresa das crianças ao verem adultos participando daquele momento com elas. Percebe-se que em vários territórios como esse, as crianças brincam as mesmas

² A mesma Bola de Gude, em algumas regiões brasileiras.

³ Amarelinha, mais conhecida como Canc o no Maranhão.



brincadeiras de forma diferenciada, respeitando suas criatividade e os materiais que podem acessar. *“o canção pode ser com dias da semana, tia!”* (Vanessa – 9 anos). Para Benjamin (1984), a criança desmonta as regras da brincadeira e a estrutura do brinquedo para se apoderar deles, estabelecendo relações íntimas com o objeto aprendido.

Brougère (1995, p. 14) destaca que “o brinquedo é assim, um fornecedor de representações manipuláveis, de imagens com volume”, e é um objeto cultural ressignificado nas práticas das crianças, com elas mesmas. O caráter simbólico das manifestações das crianças diante da produção cultural que surge no momento que brincam revelam suas tradições e costumes regionais: *“a peteca com o caroço de tucum rola mais, é leve!”* (Vitor, 8 anos).

COELHO NETO

Na cidade em questão existe um predomínio dos Brinquedos Populares próprio da região Centro Maranhense: usa-se o *talo do buriti*⁴, lata ou madeira para fazer brinquedos populares, como: carros, mesinhas, cadeirinhas, camas, etc. Confeccionam-se ainda bonecas de pano e pipas. Esses brinquedos representavam a releitura das crianças das realidades vividas em suas residências e em seus lugares brincantes, que envolvem terrenos, ruas, praças e quadras. Nessa região vemos o predomínio da utilização de talos e galhos para confecção de brinquedos populares, próprios da tradição da comunidade e lembrados pelos próprios moradores que apreciam as atividades criadoras das crianças.

Em um desses momentos, vimos a arte expressa na confecção dos carrinhos, com latas de sardinha, que segundo o Natanael (9 anos), *“construímos com a ajuda do vovô, ele é catador de latinhas e ajuda a gente a colocar as rodinhas, a gente pode se cortar”*. A destreza que os meninos possuem na confecção dos seus brinquedos, revelam o desejo de representar suas ideias criativas nos artefatos do cotidiano comunitário. Expressam o

⁴ A beleza e leveza do talo e da palha do Buriti servem como vantagens para a confecção de brinquedos (mas não podem ser expostos a chuva!). Ao contrário do que muita gente pode pensa, brinquedos feitos com Buriti são resistentes e tem alta durabilidade, se conservados de modo correto.



quanto os objetos da cultura maranhense influenciam nas escolhas das crianças no momento de confeccionarem seus brinquedos, e como os adultos são importantes nesse processo.

Para Brougère (1995), a cultura lúdica se caracteriza nesse universo das crianças que recriam seus brinquedos como um conjunto de relações com a cultura local, numa perspectiva antropológica e participação dos adultos que vivem com elas. Os objetos e os usos que os adultos fazem deles intervêm sobre as escolhas das crianças ao brincarem.

CURURUPU

Na cultura lúdica popular da Baixada Maranhense percebeu-se que as crianças do município se divertem com brincadeiras denominadas bola queimada, bola ao túnel, soltar a vara do porteiro. Os adultos distraem-se com jogos de salão, como dominó, dama, baralho, gamão e xadrez. É possível notar a proximidade dos adultos das crianças que brincam nas ruas, nos terrenos, nas quadras ou dentro de suas residências. Diferente de outras regiões maranhenses, na Baixada percebe-se uma maior atenção sobre a segurança das crianças, o que revela os níveis altos de violência existentes nos municípios que a compõem.

Na aproximação às brincadeiras vivenciadas pelas crianças nos lócus da pesquisa, percebeu-se uma maior interação entre elas durante as brincadeiras coletivas, o que representa uma verdadeira manifestação cururupuense. *“A gente vai na casa dos colegas e chama pra brincar junto. Gostamos de ficar na praça.”* (Gustavo – 10 anos). As crianças valorizam os tempos brincantes, com a hora marcada para cada atividade e o compromisso de buscar os colegas em suas residências.

Nas falas das crianças, a ansiedade para o encontro com os outros e na preparação dos materiais para a realização das brincadeiras. *“Acordo cedo para ir na casa do Lucas. Ele guarda nossa bola. Depois vamos na casa do José Maria. Quando estamos jogando, aparecem os outros.”* (Kauan – 10 anos). Nessa perspectiva, as crianças se organizam para as brincadeiras, incluindo os adultos que muitas vezes autorizam e acompanham-nas para irem



nas casas de seus colegas de brincadeira. Esse movimento revela a importância dada ao brincar na comunidade, onde saberes e fazeres são compartilhados e vividos coletivamente entre as famílias das crianças. Benjamim (1984) aponta sobre a necessidade do adulto se refugiar nas fantasias infantis em torno do brincar para fugirem dos problemas sociais. “O adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada.” (p.84). Em relação à realidade da Baixada Maranhense, os altos índices de violência devido ao uso desenfreado de drogas ilícitas na periferia suscitaram nas crianças o envolvimento com práticas cotidianas lúdicas como forma de ressignificarem o sentido da vida comunitária.

SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO

As crianças do Município têm poucas opções de lazer com a ausência de espaços públicos como praças e campos, passando seu tempo livre com brincadeiras de rua como; canção; boca de forno; pular cordas; bambo. Esses dados corroboram discussões sobre o Brincar, que nos escritos de Benjamim promulgam essa atividade como expressiva e espontânea da criança, que transforma as relações e o contexto. As crianças escolhem seus brinquedos a partir dos elementos da natureza (parecido com as crianças de Coelho neto) e do que os adultos jogam fora, pois reaproveitam o que é descartado pela cultura adultocêntrica, redimensionando as funções dos objetos, dando sentido lúdico ao que chamará de “brinquedo” (BENJAMIM, 1984).

Na cultura local identifica-se o uso do talo da folha de mamão como ferramenta do adulto na apreensão de peixes. Essa utilização de um elemento da natureza influencia as crianças na construção dos seus brinquedos como um instrumento criado por elas para fazer bolinhas de sabão. *“Tem pé de mamão pra tudo que é lado nessa cidade. Tem muito doce e bolo feito da fruta. Mas também usamos o troco e galhos para outras necessidades como tora pra banco e afugentar mosquitos.”* (Lucia – mãe de Joana – 8 anos). Respectivamente, essa cultura popular da região influencia os olhares das



crianças sobre os objetos e os elementos que fazem parte do convívio com os adultos, reinventando seus brinquedos e suas brincadeiras.

Jorge e João são irmãos no bairro da Taboca, e sempre confeccionam brinquedos a partir do Mamoeiro. “Um dia fomos pro quintal e brincamos de baladeira com os talos do mamão. Temos dois pés de mamão no quintal, as vezes caem no chão uns monte.” (Jorge – 10 anos). Os brinquedos confeccionados pelas próprias crianças dão sentido aos tempos e espaços escolhidos por elas, e são valorizados e defendidos pelas mesmas.

Dentre os resultados e impactos dessa pesquisa, podemos citar:

O aumento da visibilidade para os territórios das brincadeiras infantis, como campo promissor de pesquisas com crianças;

Conscientização das famílias das crianças, para que valorizem mais o momento em que as crianças brincam livremente;

Criação de espaços lúdicos para a formação de professores que brincam;

Dar importância às infâncias invisíveis, dentre elas, a quilombola, a indígena, a campesina, dentre outras;

Incluir a discussão sobre Jogos e brincadeiras infantis no currículo de formação de profissionais que trabalham com crianças, nos espaços escolares e não escolares;

Mobilizar a sociedade em geral para voltar o olhar para a criança que brinca, perto de cada um, e que revela profundezas de sua personalidade.

Considerações Finais

Ao defendermos os estudos da infância, pela pesquisa, oportunizamos às crianças serem compreendidas a partir do seu lócus de atuação, das suas vivências nos lugares que nasceram, que cresceram e se reconheceram como parte da comunidade. Assim, a experiência tem permitido:

- Discutir as concepções de infância, criança, brincadeiras infantis e educação para as crianças a partir de referencial teórico da Sociologia da Infância refletindo sobre as “infâncias” existentes no



Maranhão, e quais as brincadeiras que se manifestam no seio de suas interações com os outros e com o mundo;

- Identificar os lugares nos municípios maranhenses de maior frequência das crianças para o trabalho de observação com elas;
- Construir instrumentos de pesquisa com crianças, que levem em conta a Pedagogia da Escuta e o olhar investigativo voltado para a inclusão social;
- Mobilizar profissionais de diversas áreas para o diálogo coletivo sobre a importância das brincadeiras e das interações na infância;
- Produzir textos reflexivos a partir dos estudos e das vivências interativas na pesquisa, com o objetivo de publicação em outros eventos e em periódicos;
- Possibilitar aos integrantes do grupo de pesquisas a prática da Pesquisa de Campo, com vistas a formação contínua, coletando informações junto aos sujeitos pesquisados (crianças e adultos que as cuidam).

Referências

A INVENÇÃO DA INFÂNCIA. Gênero: Documentário. Diretor: Liliana Sulzbach. Duração: 26 min. Ano: 2000. Formato: 16mm. Brasil. Colorido.

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia – Rito Nagô.** São Paulo: Brasiliense, 1961.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: SUMMUS, 1984.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura.** São Paulo: Cortez, 1995.

CORSARO William. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed; 2002.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte** / Norbert Elias; tradução, Pedro Süsskind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FRIEDMANN, Adriana. **O Universo simbólico da Criança.** São Paulo: Nepsid, 2015.



GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**: Entre a Educação e a Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto, GOUVEA, Maria Cristina Soares do. (orgs.) **Estudos da Infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Sobre os Autores

Rosyane de Moraes Martins Dutra

rosyane.martins@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4800-7493>

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Paulo na Linha de Pesquisa História da Educação: sujeitos, objetos e práticas. Possui graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Federal do Maranhão (2001), especialização em Gestão de Recursos Humanos pela FACAM (Rio de Janeiro/2005) e Mestrado em Educação/UFMA (jul/2014). É Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância e Brincadeiras - GEPIB/UFMA. É membro do grupo de Trabalho História da Infância e Juventude (ANPUH-BR) e da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atualmente é professora assistente do Departamento de Educação I no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (Área de Educação Infantil). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: Infância e o brincar, formação de professores, metodologia da educação infantil, estágio supervisionado, educação de crianças pequenas, currículo e história da infância.

